

**REBELDIA OU RESISTÊNCIA?
LEÔNIDAS DA SILVA O ‘DIAMANTE NEGRO’ E O ‘TRIUNFO’
DO FUTEBOL BRASILEIRO NA COPA DO MUNDO DE 1938**

Felipe Morelli Machado¹

Este trabalho dedica-se a analisar um dos elementos centrais na composição da pesquisa sobre a participação brasileira na Copa do Mundo de futebol de 1938 e suas implicações para a relação entre futebol e identidade nacional: a emblemática figura do jogador Leônidas da Silva. O destaque adquirido pelo “Diamante Negro” na Copa de 1938 é bastante significativo para a compreensão das tensões que permearam o envolvimento de Estado, imprensa esportiva e populares no processo de construção simbólica da nação através do futebol, no período correspondente ao primeiro governo Vargas (1930-1945).

É neste contexto de constituição de um regime autoritário, cujo marco maior é a implantação do Estado Novo em novembro de 1937, que se dá uma maior aproximação do Estado em relação aos esportes. A mudança para este regime foi marcada, dentre outras importantes medidas políticas, pelo fechamento do Congresso Nacional pela Polícia Militar sob as ordens de Getúlio Vargas nesta respectiva data. O poder continuava nas mãos de um mesmo chefe, os partidos políticos foram extintos, no entanto o estabelecimento do Estado Novo não significou uma consequência natural da Revolução de 1930, mas o resultado de muitas tensões e conflitos políticos que marcariam os anos 1930 no Brasil, como ressalva Dulce Pandolfi (PANDOLFI, Dulce. Os anos 1930: as incertezas do regime. In FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, v. 2, 2007).

Tal estreitamento das relações entre o novo regime e o campo esportivo pode ser mais bem identificado a partir do esporte mais popular do país já naquele contexto, o futebol. Foi em torno da campanha do selecionado brasileiro na Copa do Mundo de 1938, disputada na França, que esta aproximação assumiu contornos mais nítidos, trazendo como um de seus importantes componentes a participação de parte da imprensa esportiva no sentido de fazer daquele grupo de jogadores os verdadeiros “representantes da Pátria”, responsáveis por construir uma “boa” imagem da nação no estrangeiro a partir de ideais como “ordem”, “disciplina”, “civildade” e “harmonia social”, que faziam parte do projeto político-ideológico varguista a despeito da “nação” que se pretendia construir.

Embora a maior parte da historiografia que se ocupa do futebol no Brasil nos anos 1930 e 1940, trabalhe com o viés de uma disciplinarização dos esportes como prática do regime varguista, consideramos a necessidade de problematizar esta intervenção a partir de um momento emblemático como se constituiu a participação brasileira na Copa de 1938. Para o caso do envolvimento do regime com a formação do selecionado nacional em vias da disputa deste mundial, não nos parece possível conceber o futebol como um espaço em que o controle exercido pelo poder público tenha se dado de forma absolutizante, de modo a harmonizar os diferentes agentes (dirigentes, imprensa esportiva, torcedores etc.) em torno de seus interesses naquela campanha.

A fim de situar um momento anterior ao início da vigência de um regime disciplinar do futebol brasileiro, José Paulo Florenzano (FLORENZANO, José Paulo. *Afonsinho & Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo, Musa Editora, 1998.) é um dos importantes autores que faz menção à intervenção do governo Vargas no sentido de controlar os esportes no país. Apesar de concentrar seu trabalho no processo de modernização do futebol brasileiro a partir da década de 1960 – cujas mudanças se destinariam à formação do “jogador-disciplinar” em contraposição à figura do “jogador-problema”, expressão cunhada pelo poder público de forma a estigmatizar a resistência à disciplina –, Florenzano trabalha com a interessante noção de “rebeldia” como luta e oposição a uma concepção moderna do futebol que se propõe a controlar o corpo, combatendo elementos que marcariam o estilo brasileiro de jogar bola, casos da ginga, malandragem, improviso etc.

Em sua perspectiva, a Copa do Mundo de 1966 é apresentada como momento simbólico onde o fracasso da seleção nacional (que apesar do favoritismo respaldado pelo bi-campeonato mundial, conquistado nos anos de 1958 e 1962, sequer chegaria à fase decisiva daquela Copa, sendo eliminada após vencer a Bulgária por 2 X 0 e ser derrotada pelas seleções da Hungria e de Portugal pela mesma contagem de 3 X 1) foi atribuída ao despreparo físico de nossos jogadores, cujo talento não era mais suficiente para prevalecer contra os jogadores “fabricados” das seleções européias. Deste modo, para Florenzano: “A Copa do Mundo da Inglaterra, com efeito, constituiu-se ... no marco simbólico que assinala a penetração dos mecanismos disciplinares no universo do futebol.” (FLORENZANO, op. cit., p. 13)

Tal referência ao contexto da década de 1960 e à implantação dos mecanismos disciplinares de forma mais efetiva no caso do futebol brasileiro a partir do estigma do “jogador-problema” - como argumenta Florenzano -, nos ajuda a refletir sobre a própria

relação do Estado Novo, da imprensa esportiva e dos populares com os principais jogadores que compunham o selecionado nacional na Copa de 1938, um envolvimento como já dito também pautado na questão da disciplinarização.

Esta proposta incidia fundamentalmente sobre os trabalhadores, como medida necessária ao fortalecimento e aperfeiçoamento da nação e era um dos aspectos orientadores do projeto político varguista. Uma disciplinarização que passava pelo controle dos corpos visando sua utilização como força de trabalho e sua subordinação política como garantia de harmonia social e da preservação da ordem vigente. Dentre outras coisas, pretendia-se a formação de um homem brasileiro que deveria ser marcado pelo espírito de obediência, uma sociedade composta por indivíduos aperfeiçoados física e moralmente. Logo, este aspecto constituinte do projeto do varguista destinava-se a constituição de uma “nação” pujante e forte através da educação física, moral e cívica dos cidadãos.

Com o objetivo de entender o modo como o futebol foi utilizado simbolicamente pelos diferentes atores sociais na construção da identidade nacional brasileira durante os anos 1930 e 1940, outro autor que muito contribui nesta discussão é Denaldo Alchorne de Souza (SOUZA, Denaldo A. de. *O Brasil entra em campo: estado, trabalhadores e imprensa na construção da identidade nacional através do futebol (1930-1947)*. 2002. Mestrado. Niterói, UFF.). Atentando-se em seu estudo para a visão diferenciada que Estado e trabalhadores tinham da “nação” que se pretendia construir simbolicamente através do futebol, este historiador compreende tal oposição, essencialmente, por meio de uma relação com o jogo de bola mais ligada ao “mundo do lazer”, para os trabalhadores, e ao “mundo do trabalho” para o governo Vargas.

Nesta perspectiva, o então centro-avante do Flamengo e da seleção brasileira, Leônidas da Silva, é valorizado por Denaldo A. Souza como símbolo de resistência da classe trabalhadora à versão de “nação” projetada pelo governo Vargas. Um governo que, por sua vez, teria percebido na seleção nacional formada para a disputa da Copa de 1938, um importante instrumento político, principalmente quanto à afirmação da disciplina como princípio norteador da organização social que devia ser colocada em curso.

Antes de adentrarmos a esfera desta emblemática figura, cabe a reflexão acerca de algumas das posições que compunham a discussão sobre a importância do futebol e dos esportes de maneira geral para a formação da sociedade brasileira nos anos 1930 e 1940. Dentre os importantes grupos e atores políticos daquele contexto, destacam-se algumas concepções favoráveis à prática esportiva, dentre as quais a do Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, para o qual os esportes teriam a função de despertar a atividade física a fim de tornar seu praticante apto para o trabalho, ao mesmo tempo em que deveria ser desenvolvida sua educação moral e cívica enquanto esportista, conforme

Felipe Morelli Machado

observa Schwartzman (SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena Maria Bousquet e COSTA, Vanda Maria Ribeiro da. *Tempos de Capanema*. São Paulo, Paz e Terra/Fundação Getúlio Vargas, 2000.)

Já para representantes das Forças Armadas, a importância dos esportes era defendida como necessidade básica, onde a educação física - aliada à educação cívica e à instrução pré-militar - comporia as disciplinas que todo o cidadão deveria cumprir em sua infância e juventude, com vistas à preparação para a corporação militar. A atividade física proporcionaria o desenvolvimento orgânico da juventude e criaria o hábito da disciplina no corpo social.

Alguns importantes intelectuais do período como os escritores Fernando Azevedo e João Lyra Filho reforçavam o discurso de Capanema na medida em que apontavam os esportes e a educação física como essenciais para a completa formação do povo brasileiro e também para a construção de uma nação forte. Tais discursos convergiam na defesa dos esportes como forma de educação social e não como divertimento, de modo a instrumentalizar o cidadão para resistir aos ideais subversivos, conforme afirma Denaldo A. Souza: “Se os trabalhadores não procurassem diversão nos esportes, possivelmente buscariam em prazeres mais condenáveis”. (SOUZA, op. cit., p. 81.)

Entretanto, se à classe trabalhadora se concentravam alguns dos principais aspectos do arcabouço ideológico do projeto varguista, o jogador de futebol não era entendido pelo regime como um profissional tornado digno por seu trabalho, mas tido como “ignorante” e “refém” de suas paixões e instintos, por isso era preciso educá-lo, tarefa que caberia às elites dirigentes dos esportes no país, desde que sob a supervisão direta do Estado. Ou seja, os jogadores só seriam úteis à nação na medida em que se sujeitassem a esta educação que deveria ser praticada no cotidiano de sua vida futebolística.

Nesta lógica, os jogadores taxados de “rebeldes” eram aqueles que não se submetiam ao controle oficial e por isso mesmo se tratavam de valores inadequados a qualquer grande time e à seleção, não servindo para representar a nação em competições internacionais. O futebol institucionalizado, com suas regras a serem cumpridas e seus árbitros e técnicos a serem respeitados deveria então se constituir como espaço disciplinado, sem brechas à rebeldia.

E este deveria ser o tom da campanha brasileira na Copa da França de 1938. Para os “representantes da Pátria” um grande planejamento foi traçado. A mobilização de diferentes setores da sociedade civil, os apoios do Governo e da imprensa especializada ofereceriam condições nunca antes experimentadas por um esporte nacional antes da disputa do Campeonato Mundial: exames médicos e um programa de treinamento físico elaborado pela Escola de Educação Física do Exército; um período de concentração dos

Rebeldia ou Resistência?

atletas na Estação de Águas da cidade mineira de Caxambú, tendo a sua disposição 50% dos quartos oferecidos pelo hotel e um campo com dimensões internacionais para a realização dos treinos individuais e coletivos; jogos-treino e amistosos realizados no Rio, em São Paulo, Salvador e Recife; ordenados fixos, gratificações e ajudas de custo a todos os atletas convocados etc. Buscava-se oferecer aos *players* todo o conforto e segurança para que viessem a desempenhar o melhor papel na Copa do Mundo. O recado era dado pelo presidente da CBD, Luiz Aranha, antes de anunciar o nome dos atletas convocados para o período de treinamentos:

- Os nossos esforços em proporcionar todo o conforto aos *scratchmen* terão de ser correspondidos à altura. Por isso exigimos disciplina, sem transigência, ao mesmo tempo que dedicação ao preparo físico. Sem a compreensão moral da missão, nenhum resultado prático se poderá esperar na cancha. (*Jornal dos Sports*, de 16 de março de 1938).

Pois bem, se observarmos a questão nos termos de um “compromisso mútuo” como queriam os dirigentes, veremos que os jogadores não cumpriram muito à risca a sua parte no acordo. Antes mesmo de se integrarem ao grupo, os grandes destaques do nosso futebol naquela época, o zagueiro Domingos da Guia e o centroavante Leônidas da Silva, já teriam se envolvido em mais uma polêmica. Em excursão à Bahia com a equipe do Flamengo, os dois *players* juntamente com o meia Fausto, teriam se envolvido numa confusão no Cassino Tabaris, onde aproveitavam as desventuras de uma noite boêmia. Cabe aqui o esclarecimento ao leitor de que expressões como *back* (zagueiro), *center-forward* (centro-avante), *goal-keeper* (goleiro), *captain* (capitão), *forwards* (atacantes), *players* (jogadores), *scratch* (equipe), *match* (jogo), *corner* (escanteio), *off-side* (impedimento) etc., caracterizavam a linguagem da imprensa esportiva da época, tratando-se de termos que correspondem à origem inglesa do futebol association, com suas instituições e normas. Tais noções acompanhavam o universo futebolístico e por conta disso eram recorrentes nos discursos de dirigentes, treinadores e dos próprios jogadores. (BOTE-LHO, André Ricardo Maciel. *Da geral a tribuna, da redação ao espetáculo*. A imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894 – 1919). Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ/Programa de Pós-Graduação em História Comparada. 2005, pp. 59-60).

No que diz respeito à matéria acima mencionada, segundo o *Jornal dos Sports*, o *back* Domingos da Guia teria agredido a Leônidas e Fausto, além de ter desacatado as autoridades policiais que procuravam acalmar os ânimos: “Em consequência, Domingos foi recolhido à delegacia de costumes sendo posto em liberdade hoje de manhã.” (*Jornal dos Sports*, de 21 de março de 1938)

Se a figura de Domingos da Guia não era tão freqüentemente associada a polêmicas como essa, a presença de Leônidas em qualquer tipo de confusão não poderia se conside-

rar uma surpresa haja vista que, ao longo de sua trajetória nos gramados, o *center-forward* se envolveu em inúmeros incidentes. Ainda em 1932, quando ele, com apenas 18 anos, já se destacava pelo modesto Bonsucesso, acontecera um episódio que marcaria por muito tempo a sua carreira; como conta Denaldo Alchorne de Souza:

Leônidas foi acusado de ter roubado um colar de diamantes de uma mulher numa excursão a São Paulo. O episódio teria ocorrido durante uma viagem a Santos, quando uma mulher com quem Leônidas tivera um caso o acusou de roubo. Cabalero, empresário do Bonsucesso, teve de intervir e garantiu que tudo não passou de um mal-entendido. Leônidas teria pegado apenas um broche que não valia 10 mil réis. A brincadeira acabou na delegacia com o jogador tendo de se explicar para as autoridades. Mesmo liberado, a história chegou ao Rio onde só se falava do colar. O Bonsucesso teve de desembolsar 40 mil réis por um colar para tentar deixar a mulher roubada em silêncio. Calou a boca da mulher, mas não da imprensa e muito menos da torcida adversária que fazia inúmeras provocações contra o jogador. (SOUZA, op. cit., p. 135).

Uma das teses deste autor é a de que por conta deste episódio do colar o jogador teria ganho o apelido de “Diamante Negro”, que depois viria a ser utilizado como nome de um famoso chocolate que existe até hoje. Ele seria assim chamado pelos torcedores adversários quando queriam desestabilizá-lo em campo, procurando lembrá-lo do vexatório incidente. Existem outras versões, no entanto, que atribuem o apelido ao seu ótimo desempenho na Copa de 1938, sendo assim chamado pelos torcedores europeus.

O que nos interessa de fato, é que Leônidas fora por muito tempo conhecido não só pelos seus gols e jogadas de efeito (dentre as suas criações está a famosa “bicicleta”) como por sua indisciplina. Para o jornalista e escritor Mario Filho, por exemplo, Leônidas da Silva era o símbolo maior da ascensão social do negro que marcaria o futebol profissional dos anos 1930 e 1940 (FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro, Mauad, 2003.). Se a cor era, nos tempos do amadorismo, uma enorme barreira a impedir o sucesso dos jogadores negros e mulatos no futebol, para Mario Filho era a cor também que fazia de Leônidas um ídolo popular que, todavia, aos seus olhos, não representava o modelo ideal de jogador brasileiro por conta das muitas confusões que povoaram a sua carreira.

A fim de melhor situar a importância do sucesso alcançado por Leônidas, o historiador Leonardo Pereira (PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.) traz significativos apontamentos quando destaca a trajetória do centroavante bem como a do grande *back* Domingos da Guia como marcos importantes do sepultamento

do propósito que movia os primeiros *sportmen* que trouxeram o *football* para estas terras, para fazer dele mais um elemento de distinção em nossa sociedade, marco de modernidade para as elites que tinham no modelo europeu seu grande referencial.

Contudo, existem também autores que analisam a figura e o sucesso de Leonidas como um instrumento que em sua popularidade foi utilizado pela propaganda do regime. É o caso de Maurício S. Drumond Costa, para o qual o grande destaque da Copa do Mundo de 1938 é também um referencial da utilização por parte da propaganda varguista da inserção de mulatos e negros na seleção nacional, como símbolo de nossa harmonia social e democracia racial (COSTA, Maurício da Silva Drumond. “Os Gramados do Catete: futebol e política na era Vargas” (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da & SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro, Mauad Editora: FAPERJ, 2006, v. 2. pp. 107-132.).

Não é intuito deste trabalho abordar o “Diamante Negro” como ferramenta nas mãos do regime ou mesmo a partir do estigma da rebeldia, e sim perceber através da repercussão de seus discursos e comportamento os conflitos que caracterizavam a construção da nação representada por aquela seleção durante a disputa da Copa do Mundo de 1938. E a polêmica da Bahia era só um prenúncio de outros problemas que envolveriam o então craque rubro-negro. A CBD fazia tanta questão da presença do atacante e de Domingos no início da preparação do *scratch*, que antecipou o seu retorno, pagando as suas passagens de avião de Salvador, onde excursionavam com o Flamengo, ao Rio de Janeiro. Porém, já em sua chegada, notícias davam conta de mais uma polêmica envolvendo os dois maiores *cracks* do Brasil. Segundo a imprensa, Leônidas teria procurado Castello Branco pedindo o pagamento de luvas para que ele fosse disputar a Copa do Mundo, alegando não serem suficientes os valores dos ordenados, gratificações e ajudas de custo. Em forte declaração ao *Jornal dos Sports*, o presidente da FBF demonstrava toda a sua insatisfação e sinalizava com um desfecho nada amigável para o assunto: “- Está resolvido, não pensamos mais em Leônidas, pois seu concurso não interessa ao *scratch*.” (*Jornal dos Sports*, de 7 de abril).

Quanto a Domingos da Guia, a mesma reportagem dizia que o zagueiro do Flamengo teria chegado atrasado ao jogo-treino alegando estar doente e por isso não podendo partir junto da delegação para Caxambú. O problema teria se agravado por conta de seu pedido a Castello Branco (então presidente da Federação Brasileira de Football e nomeado chefe da delegação brasileira que disputaria a Copa de 1938) para que sua esposa pudesse acompanhá-lo na delegação que seguiria para a França.

Tais notícias preocupavam os torcedores na capital da República diante da possi-

Felipe Morelli Machado

bilidade de corte dos dois grandes nomes da seleção. Ainda assim, para o desconhecido autor da matéria, mais importante do que contar com estes jogadores era zelar pela melhor representação da Pátria:

Os dirigentes da FBF queixam-se amargamente de Leônidas e Domingos, acenando a displicência deste último, que chegou tarde ao estádio para treinar. Frizam que os fizeram vir de avião da Bahia para o Rio e, entretanto, se vêem na contingência de afastá-los das cogitações. Não resta dúvida que ambos farão falta a representação do Brasil, a que todos deveriam se esforçar para servir com interesse e patriotismo. (Idem).

Revela-se aqui uma das dificuldades desta pesquisa, já que as reportagens do *Jornal dos Sports* não eram assinadas por seus cronistas. Contudo, nenhuma de suas edições poderia ser publicada sem a aprovação do diretor Mario Filho e somente isso nos basta para tomarmos alguns cuidados na análise dos fatos. No caso específico desta matéria, já no dia seguinte a situação que parecia irreversível, era esclarecida pelo presidente da FBF:

- Leônidas disse-me que não poderia treinar porque estava machucado, assim como não podia embarcar imediatamente para Caxambú. Pimenta estava ao nosso lado e aí eu declarei ao técnico que assim, era melhor não contar com Leônidas, desde que a concentração em Caxambú era uma condição sine-quantum para figurar no scratch. A minha frase teve o intuito único de mostrar ao jogador a responsabilidade que tinha de assumir cada um. Não era uma exclusão do scratch tanto que como Leônidas declarou que precisava falar comigo, esperei o jogador para um esclarecimento definitivo. Se se dispusesse a integrar o scratch nas condições estabelecidas para todos seria requisito definitivo, exceto se o exame médico o colocasse fora de cogitação. (*Jornal dos Sports*, de 8 de abril).

Quanto às possíveis exigências de Domingos da Guia, Castello desmentia:

Também Domingos não me exigiu nada. Fez-me ver que a senhora [sua esposa] estava doente e por isso não podia embarcar na data fixada para a concentração de Caxambú. Nessa ocasião Domingos lembrou a hipótese de ir para Paris na companhia de sua senhora e eu retruquei-lhe que tal coisa era possível desde que não representasse ônus para a CBD. (idem).

Todavia, esta não seria a última polêmica envolvendo jogadores e dirigentes do esporte brasileiro. Durante os treinamentos em Caxambú, mais uma vez reivindicações teriam sido feitas pelos jogadores a Castello Branco quanto ao valor dos ordenados e gratificações. Uma reunião foi realizada entre as partes, mas o acordo não havia sido firmado. Porém, preocupados com a repercussão negativa que o caso ganhava nos jornais e perante a sociedade, os jogadores tão logo trataram de emitir um telegrama ao presidente da CBD, esclarecendo sua posição e acatando os valores já previamente estabelecidos pelos dirigentes:

Rebeldia ou Resistência?

Sr. Presidente da CBD

Os jogadores brasileiros concentrados em Caxambú protestam revoltados contra a infâmia que se lhes foi assacada por indivíduos irresponsáveis qual a de fazer exigências para a disputa do campeonato mundial. A verdade é bem outra: fez-se apenas um pedido ao presidente da Federação Brasileira de Football. Entre pedir e exigir vai uma longa distância. Asseguramo-vos que, mesmo não sendo atendidos, nenhum de nós se furtará a honra de servir à Confederação Brasileira de Desportos do Brasil. (Jornal dos Sports de 17 de abril).

Este documento foi assinado por 23 jogadores e mais uma vez dirigia suas críticas à imprensa especializada que estaria distorcendo os fatos e trazendo notícias revestidas de toda uma conotação negativa, como se a reivindicação dos *players* fosse um ato de rebeldia, ferindo diretamente o princípio da disciplina tão exigido quanto à preparação da seleção.

Por ocasião desta nova polêmica, na mesma edição do *Jornal dos Sports*, na coluna “Críticas e Sugestões” - espaço dedicado a comentários de cronistas desta folha esportiva e constantemente utilizado por Mario Filho para fazer suas críticas sobre os grandes assuntos esportivos do momento – duras observações eram feitas sobre a postura dos jogadores brasileiros:

Trata-se, não resta dúvida, de uma exigência e de uma exigência descabida. Já se acentuou que os jogadores não podem, por força dos contratos que os prendiam aos clubes, estabelecer condições. Acontece que o crack, afastado temporariamente do clube, adquire uma sensação de liberdade, perigosa para a disciplina ...

Se alguém se detém, serenamente, no exame dos fatos, há de verificar que houve uma inversão de papéis. É natural que o jogador sem cultura, com rudimentar educação esportiva no alto sentido, se julgue no direito de exigir ordenados e gratificações maiores do que os estabelecidos ...

A disciplina obriga a obediência. É preciso porém, salientar que qualquer exigência fora do estabelecido no contrato do jogador com o clube, constitui um ato de indisciplina. Verifica-se que os elementos concentrados em Caxambú ainda não compreenderam, em toda sua significação profunda, a missão que vão cumprir no campeonato do mundo. (Idem).

Tal declaração é muito representativa da imagem por muitos anos cultivada a despeito do jogador de futebol. Mesmo após a profissionalização do esporte em 1933, o atleta não gozava, junto às autoridades políticas e esportivas, da imagem de trabalhador digno que tanto foi apregoada pelo regime varguista. Era, pelo contrário, um elemento que precisava ser educado para que não se constituísse como um exemplo de subversão das normas e hierarquias que regiam a sociedade em face de um regime ditatorial.

Felipe Morelli Machado

Por isso mesmo, grande parte das manifestações de insatisfação dos atletas quanto às condições a eles estabelecidas pelos dirigentes, eram taxadas como atos de indisciplina e dignas de punição. Principalmente, quando tais comportamentos eram adotados por grandes ídolos dos torcedores, figuras cujas ações repercutiam muito mais do que a de outros atletas menos admirados. Logo, não somente os jogadores deveriam ser controlados, mas, principalmente, o craque, que deveria ser ainda mais vigiado e disciplinado.

Ainda assim, as polêmicas envolvendo os *players* brasileiros se arrastaram até o início da Copa do Mundo. A delegação que seguia para a França a bordo do cruzeiro “*Ar-lanza*”, fez uma rápida escala em Lisboa sendo muito bem recebida pelos portugueses. Mas, a rapidíssima passagem por terras portuguesas rendeu por aqui muitos comentários e críticas aos jogadores por conta de uma simples vidraça quebrada. A agência de notícias Havas relatava o ocorrido nas ruas de Lisboa procurando isentar os jogadores de qualquer responsabilidade:

Eis como se passaram exatamente os fatos: em primeiro lugar é preciso dizer que a estada dos jogadores brasileiros em Lisboa não passou de uma hora. No momento em que um grupo de *players* patricios passeava em uma das ruas – aliás muito estreita – da capital lusa, acotovelados por uma multidão de admiradores, um dos jogadores empurrou ligeiramente um companheiro. Este, por sua vez, defendendo-se contra o entusiasmo dos portugueses, bateu com o cotovelo contra a vitrine de uma confeitaria diante da qual passava nesse momento, quebrando uma vidraça de cerca de 20 cm. Imediatamente o nosso jogador prontificou-se a indenizar o dano involuntariamente causado, ficando, assim, encerrado o incidente, que nem ocorreu em um bar, nem determinou intervenção da polícia, nem acarretou a apresentação dos jogadores à delegacia de polícia, nem originou a imposição de uma multa aos brasileiros. (*Jornal dos Sports*, de 19 de maio).

Cada nova nota nos jornais sobre o caso desmentia os boatos que haviam sido veiculados pela agência de notícias *United Press* dando conta de um mau comportamento dos *scratchmen* em Lisboa. O correspondente do *Jornal do Sports* e de *O Globo*, Everardo Lopes, que viajava junto da delegação esclarecia o incidente:

Não se reveste da menor gravidade o incidente imputado aos jogadores brasileiros, pois se deve classificar como tal o fato de ter sido quebrado uma vidraça num esbarro de todo casual. Vários *scratchmen* empreendiam ligeiro passeio pela cidade, quando, numa via muito estreita, um dos componentes do grupo falseou o pé e se projetou sobre a vitrine de um “*bomboneère*” [com grifo no original], partindo-o. Cavalheirescamente, no mesmo instante, foi indenizado o proprietário do estabelecimento, tendo este até manifestado sua admiração pela correção com que se houve o culpado involuntário do incidente. (*Idem*).

Desta forma, fosse o incidente ocasionado por uma brincadeira entre os jogadores, por um empurrão, um tropeço ou pelo tumulto em torno dos atletas brasileiros, tudo pa-

rece não ter passado de um pequeno acidente. Entretanto, diante das muitas exigências da opinião pública por disciplina e bom comportamento, a divulgação das primeiras notícias sobre o ocorrido no próprio *Jornal dos Sports*, logo assumia um tom de repúdio e repreensão aos atletas do escrete: “A missão que levou os esportistas à Europa, não admite desvios de indisciplina, onde a falta de responsabilidade aparece em tão alto grau. Não é quebrando vidraças em países irmãos que se constroem amizades, fazendo-se ainda uma péssima propaganda do Brasil.” (*Jornal dos Sports*, de 15 de maio).

E se a questão era colocada nestes termos, era muito natural que o nome do “Diamante Negro” fosse dado como certo no incidente. Ao saber que vinha sendo apontado como um dos envolvidos no caso, o atleta demonstrava toda a sua indignação em entrevista ao *Jornal dos Sports*:

- Só posso atribuir tal fato a alguma prevenção pessoal contra minha pessoa. O meu nome veio logo à tona, com uma espantosa facilidade. Estou aqui na delegação, servindo ao Brasil e desafio que se aponte qualquer ato de minha parte que mereça noticiários escandalosos. O testemunho dos chefes da delegação e do técnico Pimenta poderão ser invocados a qualquer momento pelos que não se simpatizam comigo. (*Jornal dos Sports*, de 31 de maio).

Apesar das fontes não nos permitirem afirmar com absoluta certeza a presença ou não do atacante no incidente, é possível que desta vez o *center-forward* não tivesse culpa alguma no ocorrido. No entanto, Leônidas pagava o preço da imagem de jogador rebelde, irresponsável e polêmico que tanto marcava sua carreira até a Copa de 1938.

Contudo, não nos surpreenderia se tal noção tivesse surgido alguns anos antes e fosse identificada à figura de Leônidas da Silva. É certo que, não fosse a figura de Leônidas tão admirada pelos torcedores brasileiros, os dirigentes do escrete nacional na Copa de 1938 teriam preferido não contar com esta iminente “dor de cabeça” na missão de transmitir a “boa imagem da pátria” em canchas francesas. Estava posto o problema, ao mesmo tempo que “dor de cabeça” para alguns, Leônidas era a esperança de muitos. O povo contava com ele para a conquista do caneco, e para contrariar a vontade popular seria preciso um motivo muito justo, uma falta muito grave que justificasse o seu desligamento da delegação. Diante disso o maior desejo dos dirigentes do escrete era o de contar com os seus gols, desde que acompanhados por uma boa conduta, dentro e fora de campo.

Mesmo diante de todas as desavenças o “Diamante Negro” viria a ser o grande destaque do Brasil no campeonato mundial, terminando como um dos artilheiros da competição, com sete gols marcados, ao lado do dianteiro húngaro Szentgyörgyi. O Brasil alcançaria sua melhor campanha ao derrotar a Suécia por 4x2 na disputa pelo terceiro lugar, após ter perdido uma polêmica semifinal disputada contra os atuais campeões mundiais,

Felipe Morelli Machado

os italianos, pelo placar de 2x1. O detalhe é que Leônidas não disputaria este jogo decisivo por conta de uma distensão muscular adquirida no confronto desempate contra os tchecos, pelas quartas-de-final da competição, vencido por 2x1.

Foi no jogo contra a Itália que ocorreu o lance mais polêmico daquele mundial. Segundo descrito no *Jornal dos Sports*, quando a partida ainda estava 1X0 para os adversários do Brasil, após um arremate pra fora do atacante Ferrari, o seu companheiro Piola teria dado um ponta-pé em Domingos da Guia ainda com a bola fora de campo. Antes que o goleiro brasileiro fizesse a reposição, Domingos revidou a agressão sofrida e o árbitro suíço não hesitou em marcar o pênalti contra o Brasil. O *center-forward* Meazza bateu a penalidade e fez Itália 2x0. (*Jornal dos Sports*, 17 de junho de 1938) Para a imensa maioria dos torcedores, dirigentes e cronistas o pênalti mal marcado e a ausência do “Diamante Negro” neste match foram os principais motivos da derrota.

O escrete nacional voltava para o Brasil abordo do “Almanzora” com o honroso terceiro lugar na bagagem após a vitória de 4x2 contra os suecos. A Copa de 1938 terminava com a conquista da Itália que se tornava bicampeã após bater a Hungria na finalíssima, mas por aqui, no Brasil, todas as atenções se voltavam para a recepção aos craques brasileiros. Para os principais cronistas esportivos do país o que se viu e presenciou nas ruas de Recife, Salvador e Rio de Janeiro fora um verdadeiro “carnaval fora de época”, com direito até a confete e serpentina. Saudava-se o escrete nacional, fazia-se justiça ao futebol brasileiro, e a justiça popular neste caso não poderia vir de outro modo senão em forma de festa, uma festa digna de campeões mundiais. Para os torcedores comuns não importava o resultado oficial e o título dado pela FIFA, se o Brasil não era o campeão de fato, o era por direito e cabia a eles fazer justiça àquela seleção. Festejava-se o Brasil. Festejava-se Leônidas. Festejava-se o Brasil do negro Leônidas:

Absolutamente inédita a manifestação popular de ontem. Toda a cidade delirou. Os nossos ‘cracks’ foram recebidos com as glórias de autênticos campeões do mundo. Não importa o título oficial. Ou por outra: o título oficial não honraria tanto os nossos ‘cracks’, e não lhes daria uma emoção tão grata e profunda, como lhes deu a consagração de ontem. Mais vale ao nosso scratch ser campeão do mundo para a cidade do que para a FIFA. (*Jornal dos Sports*, de 12 de julho).

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social pela PUC-SP onde desenvolve a pesquisa intitulada Bola na rede e o povo nas ruas! Estado, Imprensa Esportiva e Populares na Copa do Mundo de 1938, sob orientação da Prof(a). Dr(a). Estefânia Knotz Canguçu Fraga. E-mail: felipemachadopuc@hotmail.com